

Pulsão



e clínica

Revista da ATO – escola de psicanálise | Belo Horizonte

Pulsão e clínica

Ano 5, n.5 | p. 1-160 | 2019

ISSN: 23594063

Copyright © 2019 by ATO - escola de psicanálise

COMISSÃO DA REVISTA

Marília Dantas

Marília Pires Botelho

Marisa Gomes Cunha Martins

Viviane Gambogi Cardoso

CONSELHO EDITORIAL

Maria Luiza Bassi

Neuza Loureiro

Rosely Gazire Melgaço

Silvia Missior

Sirlene Vieira da Cruz

Pulsão e clínica / Revista da ATO – escola de psicanálise. – Ano 5, n.5, 2019. – Belo Horizonte, 2019.

v.

Anual

Inclui bibliografia.

ISSN: 23594063

1. Periódicos. 2. Psicanálise – Periódicos. I. ATO – escola de psicanálise.

CDD: 157.25

CDU: 616.891.6

PRODUÇÃO GRÁFICA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Júnior Sena

CAPA E SITE Andrea Silveira

REVISÃO GRAMATICAL DE PORTUGUÊS, FORMATAÇÃO E

NORMALIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA Marina Vilhena

Regina Gambogi Alkmim

REVISÃO DE ESPANHOL Deysi Nelly Bancayan Reategui

REVISÃO DE FRANCÊS Alex Kevin Ouessou Idrissou

REVISÃO DE INGLÊS Heather Kim-ann Bayley

ATO

escola de
psicanálise

Rua Padre Odorico, 128 | sala 701 | São Pedro

CEP: 30330-040 | Belo Horizonte | MG | Tel: (31) 3241-1255

www.atoescoladepsicanalise.com.br | ato@atoescoladepsicanalise.com.br

SUMÁRIO

13

O real que vem à luz na linguagem

Labibe Geralda Gil Alcon Mendes

23

Pulsão e movimento

Rosana Scarponi Pinto

31

Pulsão, corpo e dizer do analista

Crasso Campanha Parente

41

A pulsão e a perversão: uma abordagem freudiana

Raul Macedo Ribeiro

51

Masoquismo feminino

Ana Maria Fabrino Favato

59

O amor à música não foi o bastante: considerações sobre o masoquismo

Yáskara Sotero N. Veado

71

O inconsciente ainda... se escreve ou do inconsciente ao real do corpo

Maria Aparecida Oliveira do Nascimento

- 79 *O estranho da barriga: uma aposta no sujeito*
Marcilena Assis Toledo
- 89 *Observação de bebê irmã de criança autista em uma APAE em Minas Gerais*
Rita Helena Rezek Nassar
- 101 *Um caso de histeria contemporânea*
Pedro Braccini
- 109 *A ética do desejo: o universo da falta*
Viviane Gambogi Cardoso
- 121 *Entre o Unheimliche e o queer: o objeto a como resíduo não-identitário no sujeito*
Vinícius Moreira Lima
- 135 *Patologias do social e a pulsão de morte*
Aline Accioly Sieiro
André Fernando Gil Alcon Cabral
- 149 *Normas de publicação*

EDITORIAL

Pulsão e clínica

A pulsão é um conceito fundamental para a clínica, para a formação do analista e para a transmissão da psicanálise. Podemos dizer que, com a revista da ATO – escola de psicanálise, de 2019, foi cumprida a tarefa de abordar a complexidade do tema da pulsão com um enfoque clínico. Um trabalho coletivo, de escola, vivo e atual; cuja leitura nos conduzirá aos meandros inscritos e escritos pela pulsão.

O conceito de pulsão foi introduzido desde o início da psicanálise. É algo que nos interpela constantemente e orienta nosso desejo. A novidade introduzida por Freud é que a pulsão trata-se de uma força, mas uma força constante, diferentemente dos estímulos externos que são variáveis. A pulsão recai sobre nós e instiga-nos, levando-nos a uma ação complexa, não natural. Ela apresenta-se o tempo todo e exige um trabalho psíquico.

O vínculo que há entre pulsão e objeto não é tão estreito, mas é da ordem de uma montagem. Essa relação existe, mas não é natural, pois não há um objeto adequado que a satisfaça. Não há um acoplamento, uma complementariedade entre pulsão e objeto. A pulsão apenas o contorna. Assim, a

satisfação da pulsão não é atingir o objeto, mas bordejá-lo. Esse é o “circuito da pulsão”.

Circuito que se repete infinitamente se considerarmos a pulsão como uma força constante. Há algo que se satisfaz na pulsão, mas ainda assim traz sofrimento. Por isso temos que distinguir entre prazer e satisfação. O que pode ser uma satisfação para uma instância psíquica pode gerar desprazer para outra.

Indagar sobre a clínica ou como cada sujeito lida com a pulsão leva-nos a ir além, “além do princípio de prazer”, como trabalhou Freud em seu texto de 1920. O sintoma comporta a pulsão de morte, a repetição e, como diz Lacan, o gozo. Há algo que se satisfaz na pulsão, mas traz desprazer e empurra o sujeito a uma compulsão. Ele é tomado por isso que o faz repetir, mais e mais...

Em “Além do princípio de prazer”, Freud formaliza que “a pulsão recalçada nunca deixa de esforçar-se em busca da satisfação completa, que consistiria na repetição de uma experiência primária de satisfação” (FREUD, 1920, p. 60). A satisfação pulsional tem uma dupla impossibilidade: a de alcançar a satisfação e a de deixar de buscá-la.

Nesse mesmo texto, encontramos pulsões que não se inscrevem como representações no aparelho psíquico. Essas trazem um quantum pulsional que obtém um outro tipo de inscrição que é no corpo. Esse resto pulsional não representado emerge como sintoma por não se articular à palavra e, portanto, não pode se ligar a um sentido. É “o

que não cessa de não se escrever”. A direção é constante e volta sempre ao mesmo lugar para provocar sofrimento. É aquilo que na clínica faz barreira à interpretação e que insiste em se repetir, o umbigo do sonho, e nos traz uma problematização. Freud introduz a pulsão de morte pela via da compulsão à repetição. Ele reconhece nessa manutenção da repetição a pulsão de morte, que seria a insistência ao retorno a um certo estado, a uma certa condição.

Para além do princípio do prazer, aparece a face opaca da pulsão de morte, lei para além de toda lei. A pulsão de morte é, em última instância, a responsável pela repetição, fazendo com que se retorne sempre a um mesmo lugar; lugar de sofrimento e desprazer, o qual proporciona uma satisfação paradoxal, para além do princípio do prazer, que faz o sujeito gozar de seu mal-estar, traçando as vias por onde circula. A necessidade de repetir a mesma coisa é onde se situa o recurso de tudo aquilo que se manifesta do inconsciente sob a forma de reprodução sintomática. (DIAS, 2006, p. 401-402).

Freud enfatiza a relação entre sofrimento, sintoma e masoquismo primário. E esse é o ponto do qual vai partir Lacan a fim de desenvolver a questão do gozo.

Lacan chama de gozo o que é intolerável ao organismo, quer por falta ou por excesso de estimulação. O gozo é sentido como um sofrimento intolerável. Paradoxalmente, essa é uma das maneiras pelas quais a pulsão se satisfaz.

Assim como Freud relaciona compulsão à repetição com a pulsão de morte, Lacan relaciona a compulsão à repetição com o gozo – este masoquismo que tem satisfação no sofri-

mento. Masoquismo primordial é o nome mais freudiano do gozo em Lacan. O real, alheio ao sentido e à significação, teria um papel central na formação de sintomas.

Com a ideia do encontro fracassado, daquilo que volta sempre ao mesmo lugar, Lacan formaliza sobre a lógica do real do gozo que substitui a energética freudiana. Essa lógica engloba tudo que se encontra relacionado ao “além do princípio de prazer” como aquilo que resiste ao simbólico. Está relacionada com a pulsão e não ao desejo. É uma lógica do real, de tudo que excede à simbolização, ou seja, o que resiste à simbolização – o objeto *a*. Como a pulsão nunca atinge seu alvo, isso implica em um movimento de repetição no ensejo de alcançar uma primeira experiência de satisfação. Mas essa satisfação nunca é totalmente encontrada, mas também jamais renunciada.

Na experiência analítica, não basta isolar os significantes-mestres que definem o destino do sujeito; é preciso também isolar os modos de gozo do sujeito em relação ao Outro. Há um saber inconsciente, determinado pelo significante recalcado, mas há também um saber de si como sujeito pulsional, determinado pelo gozo. Nesse contexto, a psicanálise é uma práxis orientada para o núcleo do real, e o papel do analista é permitir que a pulsão se apresente na realidade do inconsciente. A interpretação deve visar não tanto ao sentido, mas principalmente à redução dos significantes-mestres a seu não-senso, a seus modos de gozo. (DIAS, 2006, p. 405).

A escrita do real na trama dos textos da revista revela a pulsão em seu estado bruto, onde a clínica se faz presente. O impossível da estrutura se atualiza na experiência atra-

vés dos sintomas, do sofrimento (o necessário), podendo ou não chegar a algo que cessa de repetir para o sujeito (contingência). O ideal ético da psicanálise, antes do “Bem supremo”, almeja o “mal radical” e recusa uma “pedagogia pulsional”. Masoquismo, gozo, resíduo não identitário, *alíngua*, perverso polimorfo, real do corpo, identificação ao gozo... são nomes que atravessam a clínica do real.

Boa leitura!

Comissão da Revista

Referências

DIAS, Maria das Graças Leite Vilela. O sintoma: de Freud a Lacan. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 2, p. 399-405, mai./ago. 2006.

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. *Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 17-85. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

